

**O horror à estabilidade.
Uma introdução ao dossiê
*História do Livro e da Edição:
objetos, problemas e rumos***

*The horror of stability.
Introduction to the special issue
'History of the Book and Publishing:
objects, issues and directions'*

Nuno Medeiros¹

Tomado como fulcro de uma configuração social mutável formada por uma constelação plural de agentes responsáveis nas suas ações e relações pelas apropriações interpretativas e produtivas de criação, disseminação e receção de que é alvo, o livro instaura um mundo ordenado. A ordenação desse mundo é largamente consumada e viabilizada pela edição como gesto, prescrição e enunciação contingentes e geradoras de espaços tensionais e confluentes de troca, legitimidade e legibilidade. Sendo definido por universos de agentes e vontades criativas e interpositivas, como a edição, o livro

¹ Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Comparatistas e Centro de História; <https://orcid.org/0000-0001-5350-4294>; nmedeiros@letras.ulisboa.pt

é também por esta enunciado, formulado e instituído como objeto duplamente concebido e concebível: uma ideia e um feixe de materialidades susceptíveis de a corporizar. Por outro lado, a edição de livros como processo é representada e representável pelo livro, como aparência totalizante e tangível de um objeto, fator de um mercado e protagonista de uma circulação, interpelando leituras, legitimidades, esquecimentos. No seu polimorfismo, objeto (livro) e processo (edição) apresentam-se como simultaneamente discerníveis e inextricáveis, sujeitos a – e sujeitos de – uma análise histórica em permanente recomposição e cujo atributo essencial desde, pelo menos, o último terço do século passado, se poderia resumir, com licença descritiva ampla, numa espécie de horror à estabilidade.

Se é argumentável, mas não indiscutível, a tese de que o “estudo histórico sério dos livros como objetos físicos e como objetos de comércio começou no século XVII” (Feather, 2011, p. 1), pode afirmar-se com temeridade moderada que a exploração histórica da edição se inicia previamente à emergência da figura contemporânea do editor enquanto entidade central autónoma e assim designável, no primeiro quartel do século XIX. Inspirada por um longo elenco de tradições, sensibilidades, práticas e posicionamentos epistémicos, teóricos, metodológicos e disciplinares, a história do livro e da edição não corresponde a uma realidade informe, nem sequer no atinente às duas expressões que presidem à proposta deste dossiê: livro e edição. Os esforços tendentes à sua compreensão globalizante estão, de variadas formas, fadados à frustrante conclusão da existência, quase ontologia, de um espaço compósito e em permanente oscilação, basculando, derivando, transformando e misturando, tanto as lógicas explicativas quanto as circunscrições concretas da expressão empírica em que livro e edição são ou podem ser abordados. Como em tantos outros universos apreensíveis historiograficamente, estes são o repto e o cunho da história do livro e da edição, seduzindo, complicando e enriquecendo um

projeto que transita – hesitante e proficuamente – entre Tântalo, Clio e Mnemósine.

A história do livro e da edição, como duas áreas de tangência, cruzamento, autonomia e interpenetração, é a história de um percurso que superou, sem eliminar, a história dos textos, ganhando novos planos sedeados no diálogo rugoso e surpreendente entre objetos, figuras e modos de produção, circulação e apropriação a partir da pesquisa de observatórios concretos ou de dinâmicas históricas específicas. Mantendo e até consolidando de maneira crescentemente complexa relações antigas com áreas como a bibliofilia e a erudição colecionista, a bibliografia material ou a análise literária, filológica, codicológica, serial, económica, artística e documental, a expansão e institucionalização da investigação historiográfica em torno do livro e da edição emergiram como território que se soube firmar e autonomizar no seio do amplo conjunto das humanidades e das ciências sociais, ganhando espaços de cruzamento forjados com domínios tão diversos como a geografia, a antropologia, a sociologia, os estudos culturais, a ciência política, as relações internacionais ou o design, mas também em áreas axialmente mais recentes no entendimento do tema na sua multiplicidade de ângulos e casos, como a cibernética, a informática ou os estudos de performance.

Na sua miríade de linhas, tensões, temáticas, parcerias, infidelidades e filiações, a heteróclita agremiação constituída pelo agregado de estudos em torno do livro e da edição não é, portanto, um edifício de linhas direitas. É, pelo contrário, um espaço fundamentalmente paradoxal (Carey, 1984), traço particularmente observável, por exemplo, no surto de investigação sobre livro, leitura e edição dos decénios de 1970 e 1980, ou nos angustiados e angustiantes diagnósticos de crise e crepúsculo (do livro e da leitura), ou ainda na exploração das potencialidades, surpresas, maravilhamentos e ameaças relativas ao lugar do livro, da edição e da leitura num contexto de metamorfose sociocultural e tecnológica acelerada em que despontam ou se alte-

ram realidades: da desmaterialização do digital à interconectividade eletrónica, passando pelos novos, e velhos, horizontes de intermedialidade e hibridismo. Olhar para o livro editado e publicado numa perspetiva histórica é hoje olhar para um cosmos multimodo e granular. Mas o lugar concedido ao interstício, à surpresa, ao estrato, ao matiz e à ambivalência como dimensões interpretativas, não conduz, nem pode evidentemente conduzir, à desvalorização do estudo do livro manuscrito ou impresso nem das propostas de análise de cariz mais formalista ou assente nas práticas e nas lógicas cultas.

É no âmbito deste trajeto que se inscreve o dossiê “História do Livro e da Edição: objetos, problemas e rumos”², que conjuga e articula propostas de temática, temporalidade e natureza variadas, incidindo em observatórios empíricos particulares e de escala diversa e correspondendo a diferentes tópicos de discussão epistémica e teórico-conceptual. Na sua heterogeneidade, os estudos aqui reunidos adentram a história do livro e da edição, mas também da leitura e da cultura escrita *lato sensu*, a partir de um cortejo de aproximações que atravessam dimensões como a “civilização do impresso” (Jean-Yves Mollier), circulações (Marisa Midori Deaecto; Wagner Rodrigues Araújo; André Pequeno dos Santos), agentes e instâncias (Samara Coutinho e Ana Elisa Ribeiro; Karulliny Silverol Siqueira), mediação, prescrição e leitura(s) (Fernanda Maria Guedes de Campos), fontes (Ana Maria Leitão Bandeira) ou objetos novos ou revisitados (Ticiane Flávia Martins da Cruz; Carina Cruz Marques, Carlos Guardado da Silva e Liliana Isabel Esteves Gomes).

Muito longe de abarcar a plêiade da história do livro e da edição na sua profusão, estes dez artigos configuram antes um catálogo amostral, estimulando a reflexão e promovendo a continuação da construção deste itinerário de diversidade e instabilidade, funcionando como montra de uma história progressivamente mais mul-

2 É devido um agradecimento particular a Manuel Portela, Jaquelina Neves e às autoras e autores dos pareceres anónimos de avaliação, que tornaram este dossiê possível.

tiforme. A dezena de artigos que compõe o dossiê não aspira, pois, a outro intuito que não o de contribuir para o aprofundamento e alargamento de debates, sem ignorar os desafios que se colocam ao estudo do livro e dos processos editoriais e da galáxia de práticas que o rodeiam: do códice à declinação digital, da revolução do impresso ao livro experimental, da biblioteca ao manuscrito.

Bibliografia

- Carey, J. W. (1984). The paradox of the book. *Library Trends*, 33(2), 103-113. <https://hdl.handle.net/2142/7361>
- Feather, J. (2011). Introduction: Bibliographical scholarship: History and development. In J. Feather (Ed.), *Book publishing* (Vol. 1, *Concepts and theories: Issues in book history*, pp. 1-16). Routledge.

